

Voz da Fátima

Director, Editor e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Administrador: P. Carlos de Azevedo — Redacção: Largo Dr. Oliveira Salazar, 21 — Leiria.
Administração: Santuário da Fátima Cova da Iria, Composto e Impresso nas Oficinas da «União Gráfica», Rua de Santa Marta, 48 — Lisboa N.



No dia 13 de Junho, vigésimo nono aniversário da segunda aparição de Nossa Senhora, no dia da festa de Santo António de Lisboa, Doutor da Igreja, padroeiro da nossa Pátria, e, de modo especial, da freguesia da Fátima, «o Santo de todo o mundo», na célebre frase do Papa Pio XI, de saudosa memória, realizou-se, como de costume, a peregrinação mensal ao Santuário da Cova da Iria.

Durante o dia, o sol brilhou por vezes num céu sem nuvens, aquecendo o ambiente.

Na véspera, sobretudo da parte da tarde, era já intenso o movimento de automóveis e camionetas que ocupavam as imediações do recinto sagrado.

Eram quase 23 horas quando começou a procissão das velas. O longo cortejo nocturno, imponente e deslumbrante, em que tomaram parte alguns milhares de pessoas, seguiu o percurso habitual e levou muito tempo a desfilarem pelas avenidas do Santuário.

A meia noite, num altar improvisado junto do pórtico da igreja deu-se início à cerimónia da adoração nocturna. Presidiu à recitação do terço o Rev. P.º Matos Soares, abade da freguesia de Nossa Senhora da Conceição, da cidade do Porto, que, nos intervalos das dezenas, falou sobre a devoção ao Sagrado Coração de Jesus.

Em seguida à adoração geral, que durou duas horas, houve vários turnos de adoração feitos por diversas peregrinações.

As 6 horas, dada a bênção e feita a reposição, o Rev. P.º Marcos dos Santos, professor no Seminário de Nossa Senhora da Fátima, celebrou a Missa da comunhão geral. As 11 horas, na capela do Hospital, procedeu-se à cerimónia da admissão de novos Servitas, à qual presidiu Sua Ex.ª Rev.ª o Senhor Bispo de Leiria que pronunciou uma alocução apropriada ao acto. Entre as novas senhoras Servitas conta-se a Sr.ª Dr.ª D. Maria dos Santos Pinto, da Maternidade de Coimbra.

Nos dias 10, 11 e 12, os aspirantes a Servitas — 15 Senhoras e 5 homens — fizeram na casa dos retiros do Santuário, os santos exercícios espirituais que foram pregados pelo Rev. P.º Carlos de Azevedo, capelão do Carmelo de S. José e administrador da «Voz da Fátima».

Após aquela cerimónia, realizou-se a procissão com a veneran-

PEREGRINAÇÃO DE ~ JUNHO, 13

da Imagem de Nossa Senhora da Fátima que ostentava a coroa de ouro e pedras preciosas oferecida pelas mulheres portuguesas.

Celebrou a Missa dos doentes o Rev. P.º Cristino Valverde, que presidiu à peregrinação de Madrid composta de cerca de 40 pessoas, em representação do Senhor Arcebispo de Burgos, que, sendo Conselheiro de Estado em virtude de uma disposição constitucional, como todos os Arcebispos da Espanha, não pôde vir por ter de comparecer numa reunião marcada precisamente para essa altura.

O referido Prelado tinha sido delegado pelo Senhor Bispo de Madrid — Alcalá para presidir à peregrinação da sua diocese.

Ao Evangelho pregou o Rev. P.º Matos Soares sobre a devoção ao Imaculado Coração de Maria.

Entre os peregrinos espanhóis encontrava-se também o Marquês de Lazoya, Director das Belas Artes.

Assistiu aos actos oficiais da peregrinação e deu a bênção eucarística aos doentes o Senhor Arcebispo de Cardiff, que no dia 15 seguiu para Madrid no «Lusitania Express» a fim de tomar parte no Congresso da «Paz Romana». O ilustre Prelado inglês veio prestar homenagem a Nossa Senhora da Fátima, no lugar das suas aparições, em nome do Em.º Cardeal Griffin, Arcebispo de Londres, do

Clero e povo católico de Inglaterra. Referiu-se a uma peregrinação de Britânicos que virá a Fátima nos dias 5 e 6 do próximo mês de Julho, presidida por S. Ex.ª Rev.ª.

Levou a umbela durante a bênção dos doentes o sr. Ministro das Obras Públicas e Comunicações que chegou à Fátima acompanhado pela sua família.

Assistiu também aos actos religiosos da peregrinação o Rev. Dr. G. E. Lozoya, membro da Companhia de Jesus, que foi incumbido pelos Superiores da sua Ordem

de recolher os elementos necessários para escrever um livro sobre os acontecimentos da Fátima.

No fim da bênção geral, efectuou-se a segunda procissão. O andor de Nossa Senhora foi conduzido, como na primeira procissão, aos ombros dos Servitas. Atrás do andor seguia em carro-maca um adolescente de 14 anos de idade, de Alcobaça, cujos pais casaram no Santuário e onde ele recebeu o santo baptismo.

Sofre há 10 meses de fractura numa perna com um tumor supurante. Edificava a todos os que

o viam com a sua atitude resignada e com a sua piedade fervorosa.

Tomou igualmente parte na peregrinação, para agradecer a sua cura verificada no dia 13 do mês de Maio findo, Maria José da Silva, de Paialvo. Tinha fístulas de carácter tuberculoso num braço e fôra operada, havia cinco anos, de um tumor no ventre por onde lhe saíam as fezes. Curou-se por completo e quase instantaneamente quando Sua Eminência o Cardeal Aloisi Masella, Legado do Santo Padre para a coroação de Nossa Senhora da Fátima, lhe deu a bênção com o Santíssimo Sacramento.

Foi a primeira de todos os doentes que recebeu nessa ocasião a bênção eucarística. Durante um mês o seu peso aumentou uns poucos de quilos. Sente-se perfeitamente bem, sem sofrimento algum e tem as fístulas do braço e o orifício do ventre completamente cicatrizados. Está gorda, forte e parece vender saúde como se costuma dizer. Esta cura é reconhecida pelos médicos que a observaram, incluindo o médico assistente, como humanamente inexplicável nas condições em que se efectuou. Alguns estão preparando os seus relatórios para o respectivo processo canónico.

A última procissão em que a veneranda Imagem de Nossa Senhora da Fátima com a sua coroa de ouro e pedras preciosas seguia no seu andor, imponente e majestosa, por entre alas de povo, saudada com o acenar de milhares de lenços brancos pela multidão dos fiéis, terminou com o canto comovente do «Adeus à Virgem», junto da santa capela das aparições. *Visconde de Montelo*



O Eminentíssimo Cardeal Legado durante o solene Pontifical do dia 13 de Maio, na Cova da Iria, voltado para o povo. A elevação do cálix.

Acção Católica em Fátima

Vão-se multiplicando as actividades da Acção Católica na terra sagrada da Fátima. Crescem em número e parece crescerem também em intensidade. Nem o facto é de admirar, sabendo-se que por lá andou Nossa Senhora a espalhar graças especiais, que por lá continua a andar, nos privilégios que nos concede. Além das peregrinações periódicas — nacionais, diocesanas, paróquias e colegiais —, são já muitos os cursos que lá se realizam, e a reunião anual dos assistentes também para lá se passou. E com razão, porque o ar que na Fátima se respira está impregnado de espiritualidade, de modo que o trabalho custa menos e é mais fecundo.

O Curso de Cultura Religiosa para os Homens da Liga Católica, realizado nesse ambiente fortemente religioso, em dias da Semana Santa, foi caracterizado por notável elevação.

É de justiça pôr em destaque as magníficas lições de Apologética, de Dogmática, de Escritura e de Moral, feitas por alguns dos nossos mais categorizados mestres de Teologia. Foram horas de luz as que então se viveram.

E não só horas de luz, que também horas de fervor alto e de fraternal camaradagem. Intensificou-se a iluminação dos espíritos e estreitaram-se os laços daquela superior solidariedade que devem unir todos os trabalhadores da Acção Católica.

Mestres foram, afinal, os professores e os discípulos. Todos eles ensinaram e aprenderam.

Dos professores falam os discípulos com palavras de jubiloso entusiasmo. E tais discípulos são homens diplomados, que exercem

na vida funções de marcado relevo. Formoso, comovente espectáculo este de homens superiores, a ouvir com humildade e com religioso respeito as lições de verdade que lhes foram feitas. E não só a ouvi-las, mas também a retê-las na memória, no coração, e nos apontamentos que redigiram com seriedade modelar.

Dos discípulos falam os professores em termos de comovida admiração.

Registam-se aqui algumas palavras que foram escritas, em carta, por um dos teólogos: «Confesso que fiquei encantado com o que me foi permitido observar. A impressão que senti com o final do Retiro (o Retiro que precedeu imediatamente o Curso) nunca mais se apagará da minha memória. A Acção Católica trouxe a Portugal coisas que não estávamos habituados a ver. Não fiquei menos encantado com tudo o que se passou no Curso: interesse, espírito de sacrifício (sete lições por dia!), delicadeza, franqueza, piedade profunda.

Admiráveis os Homens da Acção Católica!

Os mestres foram sobretudo eles. Nós os alunos. (...) Mais uma vez reconheci que nós, os Sacerdotes, precisamos de nos valorizar cada vez mais na piedade e na ciência, para estarmos à altura das exigências deste escol de leigos piedosos e cultos».

Decididamente, há coisas novas em Portugal.

Bendito seja Deus.

† MANUEL, Bispo de Helenópolis

PALAVRAS MANSAS

Depois da coroação

Pela rádio, pela imprensa, pelos aviões, pelos autos, pelos comboios a graça de Nossa Senhora da Fátima é levada a todos os recantos do país, até às aldeias mais portuguesas no aspecto, nos usos e no panorama moral. Graça de Mãe piedosa e terna, atenta e compadecida. Mais uma estrela sobre Portugal, como dizia o poeta Guedes Teixeira.

Desde que Nossa Senhora apareceu na Fátima, ficou lá uma luz, que, longe de se apagar com o tempo, se torna mais orientadora e sugestiva em cada dia que passa. Benditas as crianças, irmãs das flores dos montes e das estrelas do céu, que a apontaram candidamente aos justos e aos pecadores, aos doentes e aos moribundos!

Pobresinhas, humildes, desconhecidas?... Títulos de recomendação, que não de desconfiança: Nossa Senhora que também foi assim algum dia, quando passou pela terra, quis chamá-las a si com mais luz e mais amor, para que elas contassem depois, com uma sinceridade tocante o que viram e ouviram. A mensagem, que vinha do alto, luminosa e reveladora, antes de chegar até nós, passou pela alma delas, para que lhes dessem voz, expressão, publicidade.

Não era preciso mais nada, porque Nossa Senhora lá estava para autenticá-la com bênçãos, graças e milagres, numa como que renovação do seu amor à gente e à terra portuguesa.

E nas horas de tormenta que as mães procuram sobretudo chamar a si, ter da sua mão os filhos. Vivemos num mundo conturbado e doente, que torna hesitantes os novos e mudos e apreensivos os velhos. Para onde iremos, se as palavras de Jesus, palavras de ressurreição e de vida, que são dele e de mais ninguém, não forem os luzeiros que nos orientem e guiem?... A paz sem Ele é, cedo ou tarde, a paz da morte.

Ainda se não disse bem, sob este aspecto, tudo o que a Fátima tem sido para nós...

Os que lá vão tornam-se ordinariamente melhores. Sobem a um plano mais alto, vêem a seus pés o mundo cheio de vaidades e de prazeres mentirosos, sentem que amam de novo as coisas santas que algum dia lhes iluminaram a alma... O ambiente todo repassado de fé e de piedade comove, eleva e solidariza. A transfiguração interior, diz com uma sinceridade profunda, entre o passado sem luz e o futuro incerto: — como é bom estar aqui!

Os que lá vão representam a fé, a cruzada, a tradição, tudo o que há de melhor na pátria de hoje e de sempre. São ou procuram ser de Maria. Pela graça, pela doçura, pelo encanto, só podia ser de Ela a voz que chamou por eles...

Para os que lá vão, não há incomodidades, fadigas e desconfortos: Pode estar o tempo sombrio e tormentoso. Para a fé e o amor dos peregrinos da Fátima, junto de Nossa Senhora, é sol claro.

CALÇAR BOAS MEIAS E POU PAR DINHEIRO!! SÓ APROVEITANDO OS SALDOS DO IMPÉRIO DAS MEIAS

A. ALMIRANTE REIS N.º 173-B — LISBOA

Table with 2 columns: Item description and Price. Includes items like 'Meias seda gase c/pequenos defeitos', 'Meias seda gase finíssima', etc.

O maior sortido em Meias e Peúgas em algodão, escócia e seda.

Provincia e Ilhas, torhecemos pedidos, e enviamos tudo a contra-reembolso.

Sinró, director de escolas primárias em Huelva, convidou o Cardeal Segura, que então já era Bispo, a dar uns exercícios espirituais às crianças, para as afervorar ainda mais na devoção de Maria. Mons. Segura, orador de palavra ardente e muito comunicativa, aceitou logo o convite. — E longe; mas por um sorriso de Nossa Senhora vale a pena dar duas voltas ao mundo, ainda que se ande a pé.

Aos pés da Virgem da Fátima os sacrifícios valem mais, muito mais do que as luzes, as rendas e as flores, pela fé que traduzem e pela recompensa que esperam.

Na volta, pode o mundo prender novamente os peregrinos nas suas redes douradas, que tanta vez se transmudam em algemas aviltantes; mas fica-lhes sempre na alma a nostalgia do que sentiram na Fátima, como um penhor de conversão e resgate. Alguma coisa está com eles que, embora surdamente, reza e canta e supplica até à morte...

Os que ficam, ordinariamente seguem pela rádio a peregrinação com uma atenção fervorosa. Tão fervorosa e absorvente, que para eles, ouvir é o mesmo que ver. Vêm a procissão das velas, a bênção dos doentes, o adeus à Virgem, vêem tudo com a alma a vibrar e os olhos rasos de lágrimas... E quase uma devoção de presença.

— Nossa Senhora da Fátima, continua a ser por nós! E sobretudo na tua paz que nós, os portugueses, confiamos. «Oh Maria, estrela do mar! dizia Santo António num dos seus mais belos sermões. E cego e caminha às cegas aquele a quem Tu não iluminas. A nau que dirigir, despedaçá-la-á o temporal e ele próprio será submerso pelas ondas».

CORREIA PINTO

Remédio D. D. D.

Líquido fino e cor dourada que se infiltra através dos poros, operando em cada dia curas maravilhosas. Faz cessar a terrível comichão. Não cheira e deixa a pele limpa e sã. Inigualável para os casos de:

ECZEMA, DORES RHMORROIDAIS, CHAGAS, BORBULHAS, ACNES, FRIELRAS, SARNAS, ESCALDADELAS, QUEIMADURAS, ETC.

FRASCO 15\$00



TIRAGEM DA VOZ DA FATIMA

NO MÊS DE JUNHO

Table with 2 columns: Region and Amount. Lists regions like Algarve, Angra, Aveiro, Beja, Braga, Bragança, Coimbra, Évora, Funchal, Guarda, Lamego, Leiria, Lisboa, Portalegre, Porto, Vila Real, Viseu and their respective amounts.

Diversos ... 9.813 Estrangeiro ... 3.576

227.194

MEDITAÇÃO

Tantas vezes Vos pedi, Senhora, um retalho do Vosso níveo manto para com ele blindar a minha alma contra as arremetidas do demónio da impureza, contra o espadanar da lama que o mundo nos atira, o mundo invejoso dos nossos arminhos; para que, assim revestida com a Vossa pureza me apresentásseis a Jesus, Vosso Filho Divino, o Esposo dos Cantares que tanto se apraz de viver entre lírios — pascitur inter lilia.

E Vós, Virgem Puríssima, ouvistes a minha prece envolvendo o meu corpo no hábito branco das Vossas Servitas.

Branco... cor de pureza, da Vossa virtude preferida!

Branco... cor das neves immaculadas que tocam os cimos das nossas montanhas!

Branco... cor das açucenas e dos lírios com que se adornam os Vossos altares!

Branco... alvura de vestes baptismaes, de véus diáfanos de neo-comungantes, de noivas e esposas do Senhor...

Branco... cor da Hóstia Divina, do Cordeiro Imaculado, que todos os dias se eleva entre o Céu e a Terra como penhor de salvação!

Há lá cor mais bela que a cor branca e simbólica do Vosso Manto Virginal, ó minha Mãe?

Hábito branco e sobre o peito, sobre o coração, a mancha rubra e sangrenta da Cruz de Cristo!

Cruz... e sangrenta... Sacrifício... e derramamento de sangue...

Sangue da alma, sangue do coração, sangue das nossas veias, que importa? Tem de ser sangrento o vosso sacrifício e holocausto se queremos conformar-nos à imagem de Cristo crucificado... se queremos estar convosco junto à Cruz — *siabatur mater iusta cruce* — posto de honra dos Vossos amigos.

Foi com sangue que o Senhor nos redimiui. Há-de ser com sangue que havemos de cooperar na obra da nossa redenção.

Servitas... servas Vossas para Vos servir as almas e nos corpos dos nossos irmãos que, revestidos de esperança na Vossa protecção Maternal, acorrem pressurosos à Cova da Iria...

Havemos de servi-los com amor e por amor. E o amor prova-se no sacrificio: di-lo bem claro a cruz que trazemos sobre o coração.

Sacrifício das nossas orações e das nossas lágrimas que tantas vezes correm ao contemplarmos as suas dores e amarguras.

Sacrifício do nosso repouso e das nossas comodidades para proporcionar um pouco de conforto físico ou moral aos que sofrem.

Sacrifício no domínio da nossa disposição ou do nosso feitio que deve mostrar-se sempre afável e carinhoso para que, os que necessitam dos nossos serviços, vejam em nós um reflexo da Vossa bondade.

Servita vossa, Senhora, que honra tão grande com que me distinguistes!

Ergo para Vós o meu coração profundamente agradecido por mais esta, graça, mais este mimo, mais este laço com que docemente me prendestes a Vós.

Hábito branco fala-me de Vós, da Vossa pureza...

Cruz cor de sangue fala-me do sacrificio e do amor de Jesus...

Estrela azul sobre a fronte, fala-me do Céu onde me aguarda a maravilhosa recompensa de Vos servir neste mundo, onde espero ir cantar um dia as Vossas misericórdias!

Uma Servita

JACINTA

e vida da pequena vidente, pelo P.º José Galamba de Oliveira

10\$00

GRÁFICA — LEIRIA

O Culto de Nossa Senhora da Fátima em Timor

Como terra portuguesa que é, os ecos dos acontecimentos da Fátima chegaram a Timor como, de resto, a todos os recantos do nosso Império colonial. Foi, porém, nos seis anos anteriores à guerra que o culto à Senhora aparecida na Cova da Iria, já existente em algumas missões da ilha, se intensificou e se alastrou, como luz benéfica a toda a ilha. A devoção a N.ª Senhora da Fátima é hoje a mais popular das devoções entre os católicos timorenses. Medalhas, imagens, estátuas de N.ª Senhora da Fátima são objecto de um apreço muito particular e ocupam lugar proeminente nos oratórios toscos dos bons cristãos de Timor. É a N.ª Senhora da Fátima que recorrem geralmente, em qualquer caso de aflição, pois depositam nela ilimitada confiança.

A igreja da missão de Ainaro é dedicada a N.ª Senhora da Fátima assim como, pelo menos, três capelas, uma na estação missionária de Fotu-Maca, outra na do Aatu-Lare e uma terceira na grande plantação de Tatu-Besse. São obras iniciadas e concluídas pouco antes da guerra.

A do Aatu-Lare que é uma cristandade nova foi inaugurada com uma solene procissão das velas. A imagem de N.ª S.ª da Fátima foi levada em triunfo entre centenas de luzes e de vozes que a glorificavam cantando. Tomaram parte centenas de gentios que foram assistir, com os seus chefes, à inauguração da capela.

Passados uns dias um grupo de pagãos desceu das montanhas

Voz da Fátima

DESPESAS

Table with 2 columns: Item and Price. Includes Transporte, Papel, Imp. do n.º 285, Frang. Emb. Transporte do n.º 285, Da Administração.

Total ... 3.331.040\$50

Escolas desde 20\$00

Manuel da Costa Campos, Braga, 20\$00; Sebastião Rodrigues Correia, Armamar, 30\$00; D. Margarida Mendes, 20\$00; D. Maria Delgado Preto, M. do Douro, 20\$00; Dr. Sebastião de Almeida, Coimbra, 100\$00; Cartuja de Aula Dei, Saragoça, 120\$00; Mário Pereira, Viseu, 30\$00; D. Maria da Conceição Borges, Lousada, 50\$00; D. Aurora Vitor C. do Livramento, Mafra, 20\$00; D. Maria Monteiro, Coimbra, 20\$00; D. Cândida Sousa Monteiro, Negrelos, 20\$00; D. Emilia de Lourdes, Zambézia, 20\$00; D. Eliza Vidal Paulino, Azambuja, 20\$00; D. Alda Sepúlveda S. Pereira, Porto, 20\$00; D. Ana Moreira da Silva, Águas Santas, Ermezinde, 200\$00; D. Felicidade M. de Jesus, Lagos, 30\$00; D. Leonor Rosa de Viteybo, Bensafim, 30\$00; D. Inácia M. Palma, Évora, 20\$00; D. Maria Almeida, Miranda's, 20\$; D. Emilia Faria C., Ameal (Oeste), 82\$00; D. Ana de Matos, Lisboa, 20\$00; D. Ana Justina Teixeira, Montemor-o-Velho, 20\$00; D. Maria C. Melo Machado, Lisboa, 20\$00; A. Rodrigues, Island, 117\$50; D. Ermelinda Leite, América, 110\$00; D. Irene do Carmo Silveira, Peralva, 78\$00; D. M.ª Angelina d'Albuquerque, Viseu, 30\$00; Mons. Sabino Pereira, Santarém, 20\$00; D. Vitória Gomes Guerra, Lisboa, 20\$00; D. Maria E. Rocha, Lisboa, 20\$00; D. Maria de Castro e Brito, Porto, 20\$00; José da Costa Sampaio, Lousada, 40\$00.

ANO AUREO DA COROAÇÃO DE NOSSA SENHORA DE FATIMA

13 de Maio de 1946 a 13 de Maio de 1947

Peçam a este Santuário as medalhas comemorativas da Coroação de Nossa Senhora assinadas pelo escultor João da Silva

em cujo sopé está a capela e pediu para ser catequizado. Queriam baptizar-se. O espectáculo da procissão impressionara-os. Não foi esta a primeira procissão das velas que eu tive a consolação de organizar.

A primeira que se realizou foi na Missão de Manatuto em 1937, se não me engano. A segunda foi em 1938 a que assistiu muita gente vinda de vários pontos da circunscrição do mesmo nome, bem como o então encarregado do governo, Capitão de Engenharia, Jacinto Magro. Indígenas e europeus ficaram profundamente impressionados, sobretudo quando, no fim da procissão, muitas dezenas de vezes entoaram dentro da igreja, que era um mar de luz, e em volta do andor de N.ª Senhora da Fátima, o cântico «Salvé, nobre Padroeira!»

Era consolador o número de pessoas que se aproximavam da sagrada mesa neesses dias de festa em honra da Virgem da Fátima.

Instalou a devoção dos dias 13 que começaram a ser tão frequentados como as primeiras sextas-feiras do mês. Quase todos se aproximavam da sagrada mesa.

Em Baucau — outra missão — intensificou-se, também, a devoção a N.ª Senhora da Fátima, havendo todos os anos, em Maio procissão das velas. Revestia-se sempre de grande fervor e pompa.

Quando o missionário local inaugurou a capela da estação missionária de Fatu-Maca, a estátua de N.ª Senhora da Fátima foi levada processionalmente, de Baucau para lá — um percurso de onze quilómetros — seguida de cristãos e até gentios de Baucau, Fatu-Maca e outros sítios.

Em 13 de Outubro de 1936, o actual Bispo de Díly que era então simples superior da missão de Solbada, inaugurou nessa missão central, o Seminário de N.ª Senhora da Fátima para o clero indígena. Quando a guerra começou no Oriente, havia já trinta e três seminaristas, alguns já muito adiantados. Três dos primeiros devem ordenar-se este ano em Macau onde estudaram filosofia e teologia.

No mais aceso da guerra em Timor, quando nuvens bem sombrias pesavam sobre a mais longínqua das nossas colónias, um grupo de missionários fez a promessa de, dentro das suas posses, elevar uma igreja em honra de N.ª Senhora da Fátima num dos montes mais altos de Timor, se depois de todas as vicissitudes da guerra, continuasse a flutuar, sobre essa reliquia da nossa epopeia de outrora, a bandeira gloriosa das quinzas de que os timoreses foram sempre e ainda são amigos.

P.º EZEQUIEL PASCOAL

ALMANAQUE DE N.ª S.ª DA FATIMA PARA 1946

Preço de cada exemplar 1\$50; pelo correio, 1\$70. Cada 5 exemplares, pelo correio, 7\$00. Pedidos acompanhados da respectiva importância, em selos ou em vale postal, à Administração da revista «Stella» — Cova da Iria (Fátima). O Calendário está esgotado.

GRAÇAS de Nossa Senhora da Fátima

AVISO IMPORTANTE

Dora-avante todos os relatos de graças obtidas devem vir autenticados pelo Rev. Pároco da freguesia e acompanhados de atestados médicos quando tratem de curas.

De contrário não serão publicados.

NO CONTINENTE

D. Palmira Ferreira de Sousa e Sá, Espinho, sofreu de uma afecção pulmonar com bacilos encontrados na primeira análise feita em Janeiro de 1933. Cheia de fé recorreu a Nossa Senhora da Fátima pedindo-lhe a cura de tão terrível enfermidade. Em 18 de Junho do mesmo ano, feita nova análise à expectoração, já não foram encontrados bacilos e encontra-se completamente curada como o confirma o seguinte atestado clínico:

«José Corrêa Marques Júnior, médico-cirurgião pela Escola Médica do Porto: Atesto sob palavra de honra, e a pedido da interessada, que a sr.^a Palmira Ferreira de Sousa e Sá, de 46 anos de idade, casada, de Espinho, sofreu de afecção pulmonar com bacilos na expectoração em 1933, doença de que está actualmente curada. Espinho, 16 de Março de 1945. José Corrêa Marques».

A referida senhora atribui a sua cura a Nossa Senhora da Fátima e por isso vem tornar público o seu reconhecimento à Mãe de Deus.

D. Maria do Rosário Mendes, Casével, escreve: «Em cumprimento da minha promessa pela minha filha Guilhermina do Rosário Mendes que depois de dois meses com uma febre tifóide gravíssima lhe sobreveio uma bronco-pneumonia que a nós e ao médico tirou toda a esperança, venho muito grata tornar público na «Voz da Fátima» a graça extraordinária da sua cura que Nossa Senhora nos concedeu».

A gravidade da doença e a cura desta doente é declarada por o atestado clínico passado pelo médico assistente, Ex.^{ma} Senhor Dr. Manuel Ferreira da Silva.

D. Maria de Paiva Vinhas, Alfena, diz: «Quando uns inimigos me perseguiram com uma queção injusta no tribunal, dizendo abertamente que todos os meus haveres iam ser queimados na justiça e que eu havia de ficar sem camisa, recorri assim aflita a Nossa Senhora da Fátima, pedindo que a minha causa fosse julgada com a justiça do Seu Divino Filho. Proclamei-a Rainha de tudo quanto me pertencia, prometi pôr na frente de duas casas a Sua Imagem Bendita, colocar na melhor propriedade que tenho uma placa dizendo «Propriedade de Nossa Senhora da Fátima», e deixar-lhe por um documento parte dos meus haveres, caso eu ficasse com as minhas propriedades. Graças à Consoladora dos Afliitos assim sucedeu, e eu mal senti os efeitos da justiça.

Esta grande graça que venho tornar pública na «Voz da Fátima» para maior glória da SS.^{ma} Virgem e também em cumprimento da minha promessa.

D. Maria do Nascimento Castro, Lisboa, escreve: «Tendo desaparecido meu sobrinho Artur S. Castro, havia 10 meses, sem que tivesse notícias dele, juvoquei com imenso fervor Nossa Senhora da Fátima, pedindo-lhe que o trouxesse para junto de mim. Sucedeu que no dia 13 de Maio, do corrente ano (1940), tendo ido assistir à procissão das velas na Igreja da Fátima, onde pedi novamente pela volta do meu sobrinho, Nossa Senhora ouviu-me. Ao regressar a casa encontrei-o lá à minha espera; atribui esta graça à Mãe do Céu».

B. Mercedes B. B. Duarte, Lameiras,

Pinhel, diz: «É tão grande o meu reconhecimento ao Sagrado Coração de Jesus e a Nossa Senhora, da Fátima, que não posso deixar de tornar pública a grande graça que obtive e da qual me julgo indigna.

Desde 1933 que sofria horrivelmente de apendicite crónica, aderências nos intestinos e de uma úlcera no piloro, pelo que tinha continuas regurgitações sempre que ingerisse qualquer alimento. Por esta razão cheguei a pesar somente 34 kg. Consultei vários médicos em Coimbra, Porto, e muitos mais ainda e todos ficavam estupefactos com tanta doença dizendo-me que eu era um tratado de patologia. Uns médicos, aconselhavam-me a operação, outros, porém, eram de opinião contrária, pertencendo a este grupo meu irmão médico. Previam a minha morte com a intervenção cirúrgica, dadas as complicações e estado de fraqueza. Em 1935, casei e continuei sempre com o mesmo sofrimento durante estes 10 anos de casada. Era esta a minha cruz, porque outra não tinha, e a princípio tinha momentos de desespero, mas depois cheguei à conformação.

Quando estava com as cólicas, limitava-me a dizer: «Jesus, Jesus...» e nas minhas pobres orações, só pedia a Nosso Senhor que me desse mais sofrimento ainda e paciência para o suportar.

Rezava desde que adoecei, logo ao levantar, um tempo e sempre de joelhos diante das imagens do Sagrado Coração de Jesus e de Nossa Senhora da Fátima cuja entronização fiz no meu lar cristão, em 1940. Graças ao Pai do Céu ia tendo cada vez mais paciência para tanto sofrimento. Estava casada, como atrás digo, há 10 anos. Acompanhava-me também o desgosto de faltar no meu lar o perfume inebriante dum filhinho. Não poderia ser mãe, assim o diziam os médicos.

Mas, como Nosso Senhor é o médico dos médicos, eis que me concede a suprema felicidade de ser mãe na manhã do dia 19 de Janeiro passado (1945). Corre veloz tal notícia, e em todas as bocas só se houve a comovente frase: — «Que grande milagre!» A minha filhinha é forte e saudável, e para mais admiração dos médicos e de toda a gente, sou eu que a amamento, e tenho fé no Sagrado Coração de Jesus e em Nossa Senhora da Fátima, que me hão-de dar vida para a criar. Nunca mais senti uma dor, não tenho regurgitações, como já de tudo e sinto-me bem. Depois de nascer a minha filha, fiquei com dores nas pernas, de tal forma que não podia movimentar-me e não ser amparada e com muitas dores. Assim estive até ao dia 4 de março passado, dia em que se baptizou a menina.

Assisti a uma missa a Nossa Senhora da Fátima que minha mãe mandou rezar em acção de graças. Fui oferecer a minha filha a Nossa Senhora; ia quase arrastada. No fim tive de vir para casa de automóvel e ao chegar a casa comeci a andar sem a mais pequena dor. Sinto-me completamente bem. Por tantas graças ajoelho-me ante o Sagrado Coração de Jesus e de Nossa Senhora da Fátima e muitas vezes repito: «sou indigna meu Deus, de tantas graças».

Esta narração chegou-nos acompanhada com uma carta do Rev. Pároco de Pinhel, P.^o José Manuel Prageco que comprova a veracidade do sucedido.

Agradecem outras graças

- D. Maria de Lourdes R. Martins da Silva, S. Miguel (Açores)
- D. Ascensão Correia, Okland, Califórnia
- D. Maria Heloisa Ribeiro de Almeida, Sobreira Formosa
- D. Maria Margarida Cruz Lello Portela, Lisboa
- D. Raquel de Almeida Mendes, Arouca
- Uma família Gibraltina, Funchal
- D. Teresa Declinda Figueiredo, Macedo de Cavaleiros
- D. Luisa dos Santos, Viatodos — Barcelos

- D. Maria do Carmo, Ponta-Delgada.
- D. Fladina Alves Correia, Navais
- D. Esperança Gomes, Ovar
- D. Ana Maria de Carvalho, Lisboa
- D. Elsa Oliveira, Porto
- D. Emilia Rebelo, Chaves
- D. Francisca da Silva, Faro
- Joaquim Pinto Correia, Marco de Canavezes

- D. Balbina Dutra Rocha, Terceira
- D. Mariana de Jesus Gomes, Quatro Ribeiras
- D. Ana Rosa Rodrigues Pais, Ovar
- D. Cealmina de Almeida Vitória, Fundão

- D. Honorina de Jesus Lopes, Porto
- D. Felicidade de Sá Borges Gonçalves, Samões

- D. Maria José e D. M.^a Paulina Faria de A. Beja
- D. Maria da Conceição Margarido, Avelanoso

- D. Amélia Mendes Nunes, S. Cosmado
- José António Pereira, Prozel

- D. Maria Amélia Alves, Madeira, Santa Cruz
- D. Maria do Céu Torcato Paredinha, Lisboa

- D. Maria Helena de Oliveira e Sousa Miguel Cardoso de Avila, Angra
- Heurique Cordeiro Pires Parda, Travanca

- José Vaz, Vizela
- D. Izilda da Cruz, Vilar, Aveiro

- D. Maria da Conceição F. Cardoso, Carrizada
- D. Rosa Emilia Amaral, Horta, Faial

- D. Albertina da Conceição Silva Simões, Alfaiar
- D. Helena V. de Freitas, Ponta Delgada

- D. Joaquina dos Santos, Lisboa
- D. Luisa Balbina da Conceição, Lisboa

- José Maria de Caires Cqmacho, Santa Cruz das Flores
- Petrony Pereira, Beja

- D. Isaura Teixeira de Sousa de Carvalho, Braga
- D. Iria Ferreira da Silva, Louroza da Feira

- D. Aurora Vitor Carvalho, Mafra, Livramento
- Manuel Oliveira Hibeiro, Oia

- D. Maria das Dores M. Burmestre, Louzada
- D. Amélia Pereira de Almeida, Valadares

- D. Maria Felicidade, Lamego
- D. Margarida Nogueira da Silva, Paeredes

- D. Maria Cândida, Porto
- D. Albana Matilde Gomes, Madeira

- Belmira da S. Gomes, Valensalido
- D. Maria da Fonseca, Caldas da Rainha

- D. Elvira de Sousa Correia, Penajoya
- D. Laura Themudo Machado, Rib.^a Grande

- D. Maria J. Guimarães dos Santos, Viana do Castelo
- Carlos Mendes Andrade, Font'Arcada

- D. Amélia Vais Valente, Gemêes (Espozende)
- D. Joaquina Gonçalves da Silva, Ibi-dem

- D. Belmira Gomes de Araújo, ibidem
- D. Maria Adelaide Serrão dos Reis, Tomar

- D. Leonor da Conceição Aguiar, Carvalhal
- D. Maria Dária, Lisboa

- D. Isabel do Rosário Nunes da Silva, Prazeres
- D. Cândida da Silva, Prazeres

- D. Helena Rocha Guimarães, Anacati, Braiil
- D. Laurinda E. Dias de Brito Ferreres, Porto

- D. Hermínia Liberal Almeida, Bizar-ril
- D. Diolinda Portela Martinez, Lisboa

- D. Júlia Nogueira Ventura, Ponta Delgada
- D. Suzette C. Lerena, Lisboa

UM EXEMPLO A SEGUIR

A Liga de Acção Católica Feminina, de Portalegre, enviou para os sinos da igreja da Cova da Iria 7.462\$20 e objectos em ouro.

Ele tinha... compreendido...

— Está muito mal, pois está, sr. doutor?

— Sim, o seu estado é grave... Mas eu não posso perder o combóio... Uma terra onde nem sequer há uma bicicleta... Onde se faz tudo a burro, se não a pé... Isto é único!

E enviezava o olhar pela porta para o belo automóvel que para ali se ficara queto e mudo depois dos seus aturados esforços para o pôr em andamento.

Aquela «panne» fora providencial. O pobre Zé das Fontainhas ardia em febre e estorcia-se com dores e a filha correria a perguntar:

— O senhor acaso será médico?

— Sim. Porquê?

— É que tenho o meu pai muito doente. Se fizesse o favor de vir cá ver-mo...

O doutor acedeu, rabisçou uma receita e um vizinho foi aviá-la à farmácia mais próxima — uma légua de distância.

O combóio devia passar dentro de alguns minutos, parar num apeadeiro ali perto.

— Não posso perder o combóio — repetia.

E contudo não arredava pé dali. E que não eram propriamente os deveres profissionais que o reclamavam na capital, mas uma festa mundana organizada pelos futuros sogros em honra dos vinte anos da sua noiva. Haveria direito de abandonar aquele doente — que não tinha quem lhe desse as injeções indispensáveis ao seu estado — por umas horas de gozo, de divertimento?...

Divertimento?

Gabriel de Matos fora educado seriamente, no sentido próprio da vida. Era além disso um estudioso apaixonado, um trabalhador infatigável e assim, ultimamente, surpreendia-se a perguntar a si mesmo o que iria fazer desposando uma rapariga tão frívola, tão mundana, tão egoísta — sim — porque ela tinha a sua pessoa sempre em primeiro lugar...

— Já aí vem o vizinho... Já aí vem os remédios...

Era a filha do doente que interrompia as reflexões do médico. E logo um silvo, o resfolegar da locomotiva e o combóio vinha parar quase em frente da casa, a uma centena de metros quando muito.

Bastaria uma corrida, um grito, um sinal e o médico seguiria o seu caminho. Mas Gabriel parecia pregado ao soalho da pobre moradia. Não teve um gesto, uma exclamação. Passaram dois, três minutos, o combóio retomou o seu ensurdecedor movimento e o dr. Matos, calmo, um pouco pálido apenas, começou o tratamento ao enfermo.

— Sr. Doutor — murmurava este entretanto — essa injeção faz dormir?

— Sim. Vai ver como sossega. As dores vão logo passar...

Mas o homem não se satisfazia com a resposta.

— Eu queria saber ao certo se ela faz dormir... Porque, então, pedia-lhe que ma não desse... Estou muito fraco... Se adormeco, tenho medo de já não acordar sendo na Eternidade... Quería confessar-me primeiro...

Gabriel olhou-o surpreendido não tanto por ele falar de confissão, embora o facto não fosse muito vulgar, mas por preferir sofrer mais algumas horas a comprometer a salvação da sua alma. Levantou a seringa verificando cuidadosamente a dose, que diminuiu, e disse:

— Sossegue. Vamos somente abandonar um pouco as dores e já poderá melhor... fazer o que deseja.

— Muito obrigado, sr. doutor...

Chame a minha filha, sim?

A rapariga, que fora preparar um caldo voltou logo e o médico saiu.

O cair da tarde era de sonho. Estava-se em Maio. Os campos, esmaltados de flores, ondulavam numa promessa exuberante de pão; a charneca desentranhava-se em perfumes capitosos de alecrim, alfazema, rosmaninho.

O médico caminhava lentamente, pensativo. Deveria sentir-se muito contrariado. Mas não! Coisa singular! Se era quase com indiferença — senão com certo sentimento de alívio — que via aproximar-se a hora do banquete em casa da noiva...

Armanda, ela sim! Que aborrecida não ficaria com a sua ausência! Nunca lhe perdoaria, talvez! Quantas vezes — e por bagatelas — a vira ele mal disposta, ressentida, enervada, com os pais, os criados, os parentes, os amigos?

No ar impregnado da suavidade melancólica daquela hora incomparável, tilintaram os sinos da igreja da aldeia. Gabriel estacou. Há quanto tempo não estava ele numa igreja? Enquanto a mãe fora viva, médico já, não ficava sem a Missa do Domingo e dos grandes dias santificados, mas depois, sempre lhe faltava o tempo ou aproveitava esses dias para dormir até tarde.

Aqueles sinos que insistiam tilintando faziam-lhe lembrar agora tudo isso. Estugando o passo deixou o pinhal por onde deambulava e tomou a estrada. Vinham duas pequenas, muito asseadinhas e penteadas, e o médico interrogou-as:

— A igreja está aberta?

— Pois! — respondeu a mais velhita. Vamos ao Mês de Maria!

O Mês de Maria! Foi outro mundo de recordações para Gabriel de Matos.

— E vocês vão todas contentes para a igreja, não?

— Pois! repetiu a pequena.

E logo a outra:

— Eu cá não! Hoje antes queria ir à Fátima... mas o padrinho não me quer levar...

Fátima... não devia ser muito longe... E ele que nunca tinha ido a Fátima!

— Então estás zangada com o padrinho? E como é que ele vai?

A pé?

— «Cais» a pé! — Assim só lá chegava amanhã. Não sabe que hoje é que são 12 e se faz a procissão das velas?

— Mas, enfim, como é que ele vai? De burro, ia apostar...

— Pois perdia — voltou a mais velha. Vai daqui a pé até à Quinta da Piedade e depois de automóvel com os senhores de lá...

Uma quinta, um automóvel, uns senhores...

O médico julgava dormir.

— Digam-me onde está esse padrinho que quero já falar com ele.

— Então venha depressa que o sino está quase a tocar a última vez...

E, de mãos dadas, puseram-se a correr.

Armanda não quis aceitar as razões de Gabriel que também se não esforçou por convencê-la da inculpabilidade na falta à festa do seu aniversário. Ele tinha compreendido, naquela noite de velada na Cova da Iria, que nunca poderia ser feliz formando o seu lar com uma mera boneca — uma rapariga cujo temperamento e educação seria muito arriscado tentar corrigir.

Ainda está solteiro mas, mais dia menos dia, encontrará de certo a noiva que merece.

M. de F.

CONVERSANDO

A DESUMANIDADE DO COMUNISMO

Enche-se agora muito a boca de comunismo; e com esta palavra, como elixir salvador, trazem-se embaixadas pobres multidões aflitas de miséria, dando-se-lhes a falsa ideia de que, — quando a liberdade de iniciativas individuais deixa de ser um princípio geral entre os povos e deixa de haver propriedade privada que é a consagração natural do mesmo princípio —, logo todos os homens passarão a uma igualdade de condições de bem viver; e a miséria terá desaparecido de vez e para sempre, da face da terra!

Nada mais subversivo nem menos verdadeiro. É preciso, pois, não descansar em pôr bem ao vivo que o comunismo, sob qualquer aspecto considerado, é incapaz, por si, de criar ordem que se verifique ou felicidade que se sinta.

O comunismo é por doutrina e prática declaradamente materialista e ateu, o que bastaria a torná-lo inaceitável a nossa natureza moral. Mas falha também, e em muito, no campo económico.

Não há, porém, para ver claro, como colocar-nos à luz de exemplos.

A expressão mais concreta do comunismo, actualmente, é a Rússia Soviética como também a expressão mais concreta do regime social oposto (regime de liberdade de iniciativas e de propriedade privada) são os Estados Unidos do Norte.

Estes mostram em tudo a sua superioridade.

Nos Estados Unidos os cidadãos gozam de um alto nível de vida; as oposições são consideradas complemento de ordem e como tais ouvidas, e nunca eliminadas; o trabalho realiza-se na técnica e disciplina que lhe dá a máxima produtividade conhecida dentro do menor esforço; os

que menos podem são convenientemente assistidos e a paz desenvolve-se na possível alegria; e, se a miséria não desapareceu, é que, infelizmente, é condição de todas as sociedades, mas, ainda assim, mais humanizada.

Já o mesmo não sucede na Rússia Soviética, apesar de estar em comunismo declarado desde 1917.

Estas diferenças e contrastes são hoje intuitivos; a própria Rússia o comprova jogando com o seu retraimento para o que seja de interesse da humanidade e recorrendo aos Estados Unidos para o que seja satisfação aos seus apertos económicos.

Durante a guerra, os Estados Unidos, ao mesmo tempo que lançavam sobre todos os mares e continentes as portentosas forças do seu poderio militar, chegavam-lhes ainda os recursos e o génio para franquear, pela célebre lei do empréstimo e aluguer, aos Aliados (a cuja frente a Rússia) o dinheiro e munções necessárias para vencer; e por isso já se chamou aquela lei, justamente por excelência, a arma da vitória.

Se a realização da bomba atómica revelou a altura de capacidade da ciência norte-americana, os primeiros esforços de segurança colectiva, para que essa descoberta só pudesse, de futuro, ter aplicações a fins úteis e não destrutivos mostram, em elevado grau, o espírito de solidariedade humana que distingue os Estados Unidos.

O movimento de socorro com subsistências a todas as partes do globo, onde urgem, sem olhar a diferenças de raça, política ou religião, teve o seu mais ingente início e continuação nesta grande Nação, e não consta que a Rússia desse sinal de presença no mesmo sentido.

Também os Estados Unidos de-

ram os primeiros passos decisivos no caminho da reconstrução da paz no campo económico, promovendo a conferência de 45 nações em Bretton Woods, de que saíram os auspiciosos acordos destinados a estabilizar o valor da moeda e a reduzir ao mínimo os embaraços aduaneiros em todo o mundo. A fim de facilitar a realização destes objectivos, dispuzeram os seus recursos para empréstimos colossais a vários países em condições reconhecidas justas e generosas, como a Inglaterra e a França. Outros se lhe seguem, em que aparece igualmente a Rússia para um empréstimo de mil milhões de dólares!

Pelos frutos se conhecem as árvores. Nestas condições, o que se poderá esperar do comunismo da Rússia?

Os Estados Unidos, seguindo um regime que é diametralmente oposto, demonstram praticamente, pelo superior equilíbrio dos seus efeitos e benefícios, que val no melhor caminho e, com eles, todos os mais povos que se orientam pelo mesmo sistema que é o da tradição dos séculos e o das grandes civilizações do globo.

Entretanto, a lição da Rússia não será perdida; a profundidade e extensão dos seus acontecimentos saltam já por sobre o alcance dos homens. Debajo das opressões, que deixa entrever, movem-se consciências que o sofrimento prova como o fogo ao ouro. As energias, que deste modo misteriosamente se recompoem à mão de Deus, são de molde a justificar a esperança de que uma nova Rússia ressurgirá, do caos em que se encontra, para enfileirar, gloriosa e bela, ao lado das maiores nações, em serviço da civilização cristã e de uma melhor humanidade.

A. LINO NETTO

Apesar da chuva e do frio que prolongaram o inverno até muito tarde, o estado das culturas no fim do mês de Maio é ainda muito animador. Do Tejo para baixo é mesmo excelente.

Assim, em Évora, a colheita do trigo e do centeio promete render o dobro do ano passado; a da aveia, o triplo; a da cevada, uma vez e meia; a da fava, mais de duas vezes e meia; a da batata de sequeiro, duas vezes e meia.

Em Beja, as colheitas de trigo e de batata de sequeiro prometem o triplo do ano passado, as de feijão e fava, o quádruplo; as de centeio e cevada, o dobro. Em Tavira, as colheitas de trigo e cevada prometem o dobro do ano passado; as de centeio, aveia e fava, o triplo; a de batata de sequeiro, o quádruplo!

Onde as chuvas e o frio fizeram mais estragos foi do Tejo para cima, com excepção de Trás-os-Montes, segundo diz a folha distribuída pelo Instituto Nacional de Estatística de 31 de Maio p. p. Assim, a produção de batata de sequeiro que prometia, em fins de Março, ser em Braga de 20% mais do que no ano passado, aparece na estatística do fim de Maio reduzida a menos de metade. A expectativa da colheita do centeio, essa melhorou ligeiramente de Março para Maio e é de 25% superior à colheita do ano passado, na mesma região.

Na totalidade do país, apesar do frio e das chuvas, o estado das culturas melhorou sensivelmente para o trigo, centeio, aveia, cevada e batata de sequeiro; piorou para a fava.

Os números que exprimem estes prognósticos são os seguintes:

Os números que exprimem estes prognósticos são os seguintes:

COLHEITAS DE 1945=100

31 de Março: Trigo, 184,5; Centeio, 129,7; Aveia, 162,7; Cevada, 156,1; Fava, 397,0; Batata de sequeiro, 117,7.

31 de Maio: Trigo, 194,1; Centeio, 131,4; Aveia, 253,0; Cevada, 166,1; Fava, 290,0; Batata de sequeiro, 149,9.

Para o milho não há ainda prognósticos, nem para o arroz, feijão e grão de bico. Há apenas notícia das áreas já semeadas.

As previsões para a colheita da uva são bastante inferiores; apenas 72% da colheita do ano passado. Por esse motivo o vinho já está a subir de preço, segundo consta. No que respeita à azeitona, a expectativa é mais animadora: 33% acima da colheita do ano passado.

Os estragos causados pelo milhio nas vinhas e nos batatais têm sido muito grandes em todo o país.

Os pastos têm sido abundantíssimos, em excesso sobre as necessidades. Esta abundância de pastos explica em parte a subida dos gados. E a falta de comida que obriga muitas vezes o lavrador a desfazer-se de parte dos animais. Havendo abundância de pastos, o lavrador pode defender-se melhor.

Antes da guerra e desde tempos muito antigos, o lavrador criava o gado bovino e conservava-o no trabalho até aos seis anos de idade, isto é, até ao completo desenvolvimento. Chegado a esse ponto, levava-o ao açougue. Isto na parte Norte do país, que no Sul só levavam o gado para o talho quando ele já não podia trabalhar.

A guerra e a restrição do consumo de carne deve ter alterado esta situação no sentido da manutenção do gado no trabalho até uma idade mais avançada. Esta situação é anti-económica e o lavrador deve procurar regressar à prática antiga. Esta abundância de pastos permite-lhe iniciar esse regresso.

Pacheco de Amorim

PALAVRAS DE UM MÉDICO

(3.ª Série)

XIX

CRIME E CASTIGO

Quando a gente chega a velho, gosta de recordar os episódios da remota infância.

Li há anos, com grande comoção, as Confissões de Santo Agostinho, e convenci-me de que, nem de longe, poderia imitar-se a grandeza do famoso Doutor da Igreja.

São inimitáveis as suas virtudes; mas, pelo contrário, os defeitos humanos que ele tem a coragem de confessar, do tempo em que ainda não era santo, tais defeitos são comuns a qualquer mortal.

Se não me engano, foi nas Confissões que li a narrativa de uma criança de Santo Agostinho. Quando rapaz, o grande Santo gostava de assaltar o quintal de um vizinho, para colher fruta, apesar de a possuir muito melhor no seu próprio pomar...

Quando eu era rapaz, fiz coisa semelhante: Que Deus me perdoe, como perdoou ao grande Santo!

Eu gostava muito de nêspereiras, fruto muito áspero, fortemente adstringente, que não era então nada vulgar, nem hoje é.

Uma nossa vizinha, a Mariquinhas da Granja, possuía no seu quintal uma vigorosa nêspereira, a maior que eu tenho vis-

to, a qual estendia os ramos por cima de um penedo fortemente convexo. Certo dia, com vários companheiros de infância, resolvemos assaltar a nêspereira da Granja. Recordo-me bem, tinha eu menos de dez anos, lembro-me bem de trepar ao penedo, deitar-me sobre ele, e encher os bolsos das apetecidas nêspereiras...

Eis senão quando, foram descobertos os assaltantes, e partimos todos a fugir, com os bolsos cheios.

Ao chegar a casa, passei horas de terror, a ver quando a vizinha assaltada vinha queixar-se do desacato. Temia o castigo de meus Pais, e temia muito mais o desgosto que lhes causaria demonstrando a minha rebeldia aos sábios preceitos educativos que eles pretendiam inculcar-me.

Debalde esperei, horas e horas, a vingança da vizinha.

O desforço da senhora da Granja chegou enfim: uma criada, certamente a que descobriu o assalto à nêspereira, entregou à minha querida Mãe uma cestinha de nêspereiras, para os meninos.

Durante a minha juventude, nunca recebi, com certeza, lição tão proveitosa!

7-III-46 J. A. Pires de Lima

Uma lição a colher

No dia 13 de Maio passado, realizou-se no Santuário da Fátima a grandiosa Peregrinação Nacional a esse lugar santificado pela presença de Nossa Senhora, que ali quis descer e falar a uns pastorinhos.

O Santo Padre Pio XII, pela sua muita bondade, associou-se a nós, mandando um Eminentíssimo Cardeal da sua Corte acompanhado de uma numerosa e escolhida comitiva, da qual fazia parte um seu Sobrinho, coroando solenemente a Imagem da Santíssima Virgem que se venera na Capela das Aparições e dignando-se ainda falar aos peregrinos, aos portugueses, a todo o mundo, na nossa língua.

Muitos de vós ouvistes as palavras do Vigário de Cristo.

Suprema honra que o Santo Padre nos concedeu!

No vasto recinto da Cova da Iria apinhava-se uma multidão pelo menos de quinhentas mil pessoas, vindas de todos os cantos de Portugal e até do estrangeiro.

«STELLA»

A revista «STELLA» dedica o seu número de Junho ao Eminentíssimo Senhor Cardeal Aloisio Masella, Legado de Sua Santidade o Papa Pio XII para coroar solenemente a primeira Imagem de Nossa Senhora da Fátima. Este número especial descreve a viagem do Embaixador Pontifício desde a partida de Roma até ao seu regresso.

Inserer também numerosas gravuras, entre as quais vários aspectos da recente visita da vidente Irmã Maria Lúcia das Dores à Cova da Iria.

Todos numa atitude piedosa, no maior sossego e entusiasmo!

Creio que nunca em Portugal se reuniu uma multidão tamanha, apesar do tempo agreste, chuva e vento, estradas e caminhos cheios de lama!

Tanta gente, sem haver ali arraial, filarmónicas ou fogo de artifício.

Ninguém, que eu saiba, adoeceu, ninguém se queixou, antes voltaram para suas casas alegres e contentes, cantando Hossanas à Virgem Santíssima que acabava de ser coroada!

Mas o que se notou mais foi o número de pessoas que se aproximaram da Mesa Eucarística, recebendo a Sagrada Comunhão. Foram, pelo menos, cento e quarenta mil as pessoas que comungaram. E se mais não foram, deve-se à impossibilidade de atender mais penitentes no Santo Tribunal.

Por Maria foram a Jesus!

Sim! Foi Nossa Senhora que os chamou a Jesus. Bendita seja!

Pois esta enorme concorrência à Sagrada Comunhão obriga-nos a testemunhar o nosso amor ao Santíssimo Corpo de Deus.

Todos os anos o temos feito, mas este ano com maior obrigação.

Permanecei no meu amor! disse-nos o Senhor.

Vivamos, pois, no amor de Jesus! Glorifiquemos, cantemos os louvores de Jesus, que vive conosco no fundo dos nossos Sacramentos!

Hossana, hossana ao Filho de Maria!

(De uma Provisão do Senhor Bispo de Leiria, convidando os seus diocesanos para a festa do Corpo de Deus na cidade episcopal).

Visado pelo censura

Um exemplo, entre muitos

Nos dias 10, 11 e 12 de Maio, vieram em peregrinação à Fátima, a pé, o guia e um ex-escuta de um grupo de escutas de Lisboa, tendo feito o percurso quase ininterruptamente, em 42 horas, das quais 24 sem se alimentarem; esta peregrinação realizou-se em cumprimento de uma promessa do ex-escuta Fernando Cardoso, sendo voluntariamente que o guia Silvério Pinto se propôs acompanhá-lo. Pelo caminho várias vezes lhes ofereceram meios de transporte e até comer, que eles recusaram sempre. Atribuem-lhes a resistência física extraordinária de que deram provas, ao auxílio da boa Mãe do Céu.

PORQUE APARECEU N.ª SENHORA NA FATIMA?
pelo P.º Carlos de Azevedo
10\$00
GRÁFICA — LEIRIA